

A contínua atracção do nacionalismo Fredy Perlman

O nacionalismo foi declarado morto por diversas vezes durante o presente século:

- depois da primeira guerra mundial, quando os últimos impérios da Europa, o austríaco e o turco, foram divididos em nações auto-determinadas e nenhum nacionalista ficou sem nação, à excepção dos sionistas;
- depois do golpe de estado bolchevique, quando se dizia que as lutas burguesas pela auto-determinação haviam sido doravante suplantadas pelas dos trabalhadores, que não tinham pátria;
- depois da derrota militar da Itália fascista e da Alemanha nacional-socialista, quando o genocídio, corolário do nacionalismo, foi exibido para todos verem, quando se pensou que o nacionalismo como crença e prática tinha entrado definitivamente em descrédito.

Contudo, quarenta anos depois da derrota militar dos fascistas e nacional-socialistas, podemos ver que o nacionalismo não só sobreviveu como renasceu, sofreu um revivalismo. O nacionalismo foi ressuscitado não só pela chamada direita, mas também, principalmente, pela chamada esquerda. Depois da guerra nacional-socialista, o nacionalismo deixou de ficar circunscrito aos conservadores, tornando-se crença e prática de revolucionários e comprovando-se como única crença revolucionária que realmente funcionou.

Os esquerdistas ou revolucionários nacionalistas insistem que o seu nacionalismo não tem nada em comum com o nacionalismo dos fascistas e dos nacional-socialistas, que o seu é um nacionalismo dos oprimidos que oferece uma libertação pessoal e também cultural. As reivindicações dos nacionalistas revolucionários têm sido difundidas pelo mundo pelas duas instituições hierárquicas mais antigas que sobreviveram até ao nosso tempo: o estado chinês e, mais recentemente, a Igreja Católica. Actualmente, o nacionalismo tem sido apontado como estratégia, ciência e teologia de libertação, como realização do ditado iluminista de que o conhecimento é poder, como resposta comprovada à pergunta: "Que fazer?"

Para desafiar essas reivindicações e vê-las em contexto, necessito questionar o que é o nacionalismo – não apenas o novo nacionalismo revolucionário, mas também o antigo nacionalismo conservador. Não posso começar por definir o termo, porque nacionalismo não é uma palavra com uma definição estática: é um termo que cobre uma sequência de diferentes experiências históricas. Vou começar por dar um breve esboço de algumas dessas experiências.

De acordo com uma ideia errada (e manipulável) bastante difundida, o imperialismo é relativamente recente, consistindo na colonização do mundo inteiro como última etapa do capitalismo. Este diagnóstico aponta para uma cura específica: o nacionalismo é oferecido como o antídoto para o imperialismo, afirmando-se que as guerras de libertação nacional podem acabar com o império capitalista.

Este diagnóstico tem um objectivo, mas não descreve qualquer acontecimento ou situação. Aproximamo-nos da verdade quando viramos esta concepção do avesso e dizemos que o imperialismo foi a primeira etapa do capitalismo, que o mundo foi posteriormente colonizado por estados-nação e que o nacionalismo é a etapa dominante, actual e (esperemos) final do capitalismo. Os factos sobre este caso não foram descobertos ontem; eles são tão familiares como a falácia que os nega.

Tem sido conveniente, por várias boas razões, esquecer que, até aos séculos mais recentes, os poderes dominantes da Eurásia não eram estados-nação mas impérios. Um império celestial governado pela dinastia Ming, um império islâmico governado pela dinastia otomana e um império católico governado pela dinastia de Habsburgo competiam entre si pela posse do mundo conhecido. Dos três, os católicos não foram os primeiros imperialistas, mas os últimos. O império celestial Ming governou a maior parte da Ásia oriental e enviou grandes frotas comerciais pelos mares um século antes dos católicos transoceânicos terem invadido o México.

Quem celebra a façanha católica, esquece-se que, entre 1420 e 1430, o burocrata da China imperial, Cheng Ho, comandou expedições navais de 70 000 homens e navegou não apenas até às vizinhas Malásia, Indonésia e Ceilão, mas até portos tão longínquos como o Golfo Pérsico, o Mar Vermelho e África. Quem celebra os conquistadores católicos também deprecia os feitos imperiais dos otomanos, que conquistaram tudo menos as regiões mais ocidentais do antigo império romano, dominaram o norte de África, a Arábia, o Médio Oriente e parte da Europa, controlaram o Mediterrâneo e estiveram às portas de Viena. Os católicos imperiais estabeleceram-se no ocidente, para além das fronteiras do mundo conhecido, para escaparem ao cerco.

Ainda assim, foram os católicos imperiais que "descobriram a América" e o seu genocídio destrutivo e pilhagem do que "descobriram" mudou o equilíbrio de forças entre os impérios da Eurásia.

Teriam os chineses ou turcos imperiais sido menos letais se tivessem "descoberto a América"? Todos os três impérios olhavam para os estrangeiros como sub-humanos e, por isso mesmo, como presas legítimas. Os chineses consideravam os outros bárbaros; os muçulmanos e católicos consideravam os outros infiéis. O termo infiel não é tão brutal como o termo bárbaro, já que um infiel deixa de ser uma presa legítima e torna-se um verdadeiro ser humano pelos simples actos de conversão à verdadeira fé, enquanto que um bárbaro continua a ser presa até que seja assimilado pelo civilizador.

O termo infiel, e a moralidade que está por detrás dele, entrou em conflito com a prática dos invasores católicos. A contradição entre a profissão de fé e os actos foi vislumbrada por um crítico bastante precoce, um frade chamado Las Casas, que notou que as cerimónias de conversão eram pretextos para separar e exterminar os não convertidos e que os próprios convertidos não eram tratados como iguais, mas como escravos.

As críticas de Las Casas pouco mais fizeram do que envergonhar a Igreja Católica e o imperador. Foram proclamadas leis e enviados investigadores, mas tiveram pouco efeito, já que os dois objectivos das expedições católicas, a conversão e a pilhagem, eram contraditórios. A maioria dos clérigos conformaram-se com salvar o ouro e condenar as almas. O imperador católico dependia cada vez mais da riqueza das pilhagens para pagar os gastos da casa real, do exército e das frotas que transportavam as pilhagens.

As pilhagens continuavam a ter prioridade em relação às conversões, mas os católicos continuavam a sentir-se envergonhados. A sua ideologia não se adequava em nada à sua prática. Os católicos fizeram muitas das suas conquistas às custas dos Aztecas e dos Incas, que descreverem como impérios com instituições parecidas às do império de Habsburgo e com práticas religiosas tão demoníacas como as dos seus inimigos oficiais, o império infiel dos turcos otomanos. Mas os católicos não tiraram grande proveito das guerras de extermínio contra comunidades que não tinham nem imperadores nem exércitos regulares. Tais façanhas, ainda que perpetradas regularmente, entravam em conflito com a sua ideologia e eram tudo menos heróicas.

A contradição entre a profissão de fé dos invasores e os seus actos, não foi resolvida pelos católicos imperiais. Foi resolvida pelos prenúncios de uma nova forma social, o estado-nação. Dois prenúncios apareceram no mesmo ano, 1561, quando um dos aventureiros ultramarinos do imperador proclamou a sua independência do império e vários dos banqueiros e fornecedores do imperador iniciaram uma guerra de independência.

O aventureiro ultramarino, Lope de Aguirre, não conseguiu mobilizar apoios e foi executado.

Os banqueiros e fornecedores do imperador mobilizaram os habitantes de várias regiões imperiais e conseguiram separar essas regiões do império (regiões que ficaram mais tarde conhecidas como Holanda).

Estes dois acontecimentos não eram ainda lutas de libertação nacional. Eram prenúncios do que estava para vir. Eram também lembranças do passado. No antigo império romano, a guarda pretoriana tinha como missão proteger o imperador; os guardas começaram a assumir cada vez mais as funções do imperador e, eventualmente, assumiram o poder do imperador. No império árabe islâmico, o califa tinha ocupado guardas pessoais turcos de protegerem a sua pessoa; os guardas turcos, como os pretorianos anteriormente tinham feito, assumiram cada vez mais as funções do califa e, eventualmente, tomaram conta do palácio assim como do governo imperial.

Lope de Aguirre e os nobres holandeses não eram a guarda pessoal do monarca de Habsburgo, mas o aventureiro colonial dos Andes e as casas comerciais e financeiras holandesas exerciam funções imperiais importantes. Estes rebeldes, como os anteriores guardas romanos e turcos, queriam libertar-se da indignidade espiritual e do jugo material de servidão ao imperador; eles já detinham os poderes do imperador; o imperador não era mais do que um parasita para eles.

O aventureiro colonial Aguirre era, supostamente, inepto enquanto rebelde; o seu momento ainda não tinha chegado.

Os nobres holandeses não eram ineptos e o seu momento tinha chegado. Eles não derrubaram o império; racionalizaram-no. As casas comerciais e financeiras holandesas já detinham muita da riqueza do Novo Mundo; eles tinham-na recebido como pagamento por terem aprovisionado as frotas, exércitos e a casa real do imperador. Partiam agora para pilhar colónias em seu próprio nome e para seu próprio benefício, sem estarem amarrados a um suserano parasita. E já que não eram católicos, mas protestantes calvinistas, não se sentiam envergonhados por qualquer contradição entre profissões de fé e actos. Não tinham a pretensão de salvar almas. O seu calvinismo dizia-lhes que um Deus inescrutável tinha salvo ou condenado todas as almas no início dos tempos e nenhum sacerdote holandês poderia alterar os desígnios de Deus.

Os holandeses não eram cruzados; eles limitavam-se a pilhagens sem heroísmo, sérias e de tipo comercial, calculadas e regularizadas; as frotas que partiam para pilhar regressavam sempre dentro da data prevista. O facto das vítimas do saque serem infiéis tornou-se menos importante do que o facto de não serem holandeses.

Os eurasiáticos ocidentais, precursores do nacionalismo, inventaram o termo “selvagens”. Este termo era sinónimo do termo “bárbaro” do império celestial eurasiático. Ambos os termos designavam seres humanos como presas legítimas.

Durante os dois séculos seguintes, as invasões, subjugações e expropriações iniciadas pelos Habsburgo foram imitadas por outras casas reais europeias.

Do ponto de vista dos historiadores nacionalistas, os colonizadores iniciais, assim como os seus posteriores imitadores, pareciam nações: Espanha, Holanda, Inglaterra, França. Mas a partir de um ponto de vista no passado, os poderes colonizadores são os Habsburgo, os Tudor, os Stuart, os Bourbon, os Orange – nomeadamente, dinastias idênticas às famílias dinásticas que tinham lutado por riqueza e poder desde a queda do império romano ocidental. Os invasores podem ser vistos de ambos os pontos de vista já que se estava a dar uma transição. Essas entidades já não eram simples estados feudais, mas também não eram ainda verdadeiras nações; já possuíam alguns dos atributos, mas ainda não todos, de um estado-nação. O elemento em falta mais notado era o exército nacional. Os Tudor e os Bourbon já manipulavam o anglicismo e o francesismo dos seus súbditos, especialmente durante as guerras contra os súbditos de outras monarquias. Mas nem os escoceses nem os irlandeses, nem os cósricos nem os provençais, foram recrutados para lutar e morrer por "amor ao seu país". A guerra era um fardo feudal oneroso, uma corveia; os únicos voluntários eram aventureiros que sonhavam com ouro; os únicos patriotas eram os patriotas do Eldorado.

Os princípios do que viria a ser a crença nacionalista não atraíram as dinastias reinantes, que estavam apegadas aos seus próprios princípios já experimentados e testados. Os novos princípios atraíram os principais servidores das dinastias, os seus agiotas, abastecedores de especiarias, fornecedores militares e saqueadores de colónias. Estas pessoas, como Lope de Aguirre e os nobres holandeses, como os anteriores guardas romanos e turcos, exerciam funções chave, ainda que permanecessem como serventes. Muitos, senão mesmo a maior parte deles, ardiam de desejo de se livrarem da indignidade e do jugo, de se livrarem do suserano parasita, para continuarem a explorar compatriotas e a pilhar as colónias em seu próprio nome e para seu benefício.

Mais tarde conhecidos como burguesia ou classe média, estas pessoas ficaram ricas e poderosas desde os dias em que as primeiras frotas foram enviadas para oeste. Uma porção da sua riqueza provinha das colónias pilhadas, como pagamento por serviços que vendiam ao imperador; esta soma de riqueza seria mais tarde conhecida como acumulação primitiva de capital. Outra porção da sua riqueza provinha da pilhagem dos seus próprios compatriotas e vizinhos através de um método mais tarde conhecido como capitalismo; o método não era de todo novo, mas tornou-se bastante difundido depois das classes médias terem açambarcado a prata e o ouro do Novo Mundo.

Estas classes médias exerciam funções importantes, mas ainda não tinham experiência em exercer o poder político central. Em Inglaterra derrubaram um monarca e proclamaram uma república, mas, temendo que as energias populares que mobilizaram contra as classes mais altas se virassem contra elas, logo restauraram outro monarca da mesma casa dinástica.

O nacionalismo afirmou-se apenas no final de 1700, quando duas explosões, com treze anos de intervalo, inverteram as posições relativas das duas classes mais altas e alteraram para sempre a geografia política do globo. Em 1776, mercadores coloniais e aventureiros reencenaram a façanha de Aguirre ao proclamarem a sua independência da dinastia ultramarina governante, superando o seu antecessor ao mobilizarem outros colonos e conseguindo separar-se do império britânico hanoveriano. E em 1789, mercadores iluminados e escribas superaram os seus precursores holandeses ao mobilizarem, não apenas algumas regiões periféricas, mas toda a população, derrubando e chacinando o monarca de Bourbon no poder e substituindo os vínculos feudais por vínculos nacionais. Estes dois acontecimentos marcaram o fim de uma era. Daí em diante, mesmo as dinastias sobreviventes tornaram-se rápida ou gradualmente

nacionalistas e os restantes estados reais adquiriram cada vez mais atributos de estados-nação.

As duas revoluções do séc. XVIII foram muito diferentes e contribuíram com elementos diferentes e até conflituosos para a crença e prática do nacionalismo. Não pretendo analisar esses acontecimentos aqui, apenas lembrar ao leitor alguns desses elementos.

Ambas as rebeliões quebraram com sucesso os vínculos de vassalagem à casa monárquica e ambas terminaram com a instituição de estados-nação capitalistas, mas entre uma e outra havia pouco em comum. Os principais animadores de ambas as revoltas estavam familiarizados com as doutrinas racionalistas do iluminismo, mas os auto-intitulados americanos limitaram-se aos problemas políticos, em grande parte ao problema de instituir uma maquinaria de estado que pudesse pegar naquilo que o rei George deixou. Muitos dos franceses foram bem mais longe; colocaram o problema de reestruturarem não apenas o estado, mas toda a sociedade; desafiaram não apenas os vínculos entre o súbdito e o monarca, mas também os vínculos entre o senhor e o escravo, um vínculo que permaneceu sagrado para os americanos. Ambos os grupos estavam, sem sombra de dúvida, familiarizados com a observação de Jean-Jacques Rousseau de que os seres humanos nasciam livres, ainda que em todo o lado estivessem acorrentados, mas os franceses compreendiam as correntes mais profundamente e fizeram um grande esforço para quebrá-las.

Tão influenciados pelas doutrinas racionalistas como o próprio Rousseau tinha sido, os revolucionários franceses tentaram aplicar a razão social ao ambiente humano da mesma forma que a razão natural ou a ciência começava a ser aplicada ao ambiente natural. Rousseau tinha trabalhado na sua secretária; tinha tentado instituir a justiça social no papel, confiando os assuntos humanos a uma entidade que encarnasse a vontade geral. Os revolucionários agitaram-se para instituir a justiça social não apenas no papel, mas entre seres humanos mobilizados e armados, muitos deles enraivecidos e a maioria deles pobre.

A entidade abstracta de Rousseau tomou a forma concreta de um Comité de Segurança Pública (ou Saúde Pública), uma organização policial que se considerava a encarnação da vontade geral. Os virtuosos membros do comité aplicaram conscientemente as descobertas da razão aos assuntos humanos. Consideravam-se os cirurgiões da nação. Esculpiam as suas obsessões pessoais na sociedade através da lâmina do estado.

A aplicação da ciência ao ambiente adoptou a forma do terror sistemático. O instrumento da Razão e da Justiça foi a guilhotina.

O Terror decapitou os antigos governantes e depois voltou-se para os revolucionários.

O medo estimulou uma reacção que varreu o Terror assim como a Justiça. A energia mobilizada de patriotas sedentos de sangue foi enviada para fora para impor o iluminismo aos estrangeiros pela força, para expandir a nação e transformá-la num império. O abastecimento das forças armadas nacionais era bem mais lucrativo do que o abastecimento das forças armadas feudais alguma vez tinha sido e antigos revolucionários tornaram-se membros ricos e poderosos da classe média, que era agora a classe alta, a classe governante. O terror, assim como as guerras, deixaram um legado fatídico à crença e prática dos nacionalismos tardios.

O legado da revolução americana foi completamente diferente. Os americanos estavam menos preocupados com a justiça e mais preocupados com a propriedade.

Os colonos invasores na costa nordeste do continente precisavam tanto de George de Hannover como Lope de Aguirre precisou de Phillip de Habsburgo. Melhor, os ricos e os poderosos entre os colonos precisavam dos dispositivos do Rei George para protegerem a sua riqueza, mas não para obtê-la. Se conseguissem organizar um aparelho repressivo próprio, não precisariam do Rei George para nada.

Confiantes na sua capacidade de empreender um dispositivo próprio, os colonos escravagistas, latifundiários, exportadores de produtos e banqueiros acharam os impostos e as acções do Rei intoleráveis. A mais intolerável das acções do Rei foi ter proibido temporariamente incursões não autorizadas às terras dos habitantes originais do continente; os conselheiros do Rei estavam de olho nas peles de animais fornecidas pelos caçadores indígenas; os latifundiários revolucionários estavam de olho nas terras dos caçadores.

Ao contrário de Aguirre, os colonos federados do norte conseguiram instituir o seu próprio aparelho repressivo independente e fizeram-no instigando um mínimo de desejo de justiça; o seu objectivo era derrubar o poder do rei, não o seu. Em vez de confiarem excessivamente noutros colonos menos afortunados ou nos ocupantes de regiões remotas, para não falar dos seus escravos, estes revolucionários confiaram em mercenários e na ajuda indispensável da monarquia de Bourbon, que seria derrubada uns anos mais tarde por revolucionários mais virtuosos.

Os colonizadores norte-americanos quebraram os vínculos tradicionais de vassalagem e de obrigação feudal mas, ao contrário dos franceses, só os substituíram gradualmente por vínculos de patriotismo e nacionalidade. Não eram bem uma nação; a sua relutante mobilização das zonas rurais coloniais não os tinham fundido numa e a sua população subjacente, multilingualmente, multiculturalmente e socialmente dividida, resistiu a essa fusão. O novo aparelho repressivo não foi experimentado nem testado e não tinha a total lealdade da população subjacente, que ainda não era patriótica. Algo mais era necessário. Escravagistas que tinham derrubado o seu rei, temiam que os seus escravos pudessem também derrubar os seus senhores; a insurreição no Haiti tornou esse receio real. E ainda que tivessem deixado de temer serem empurrados para o mar pelos habitantes indígenas do continente, os comerciantes e especuladores preocupavam-se com a sua capacidade de se estenderem ao interior do continente.

Os colonos invasores americanos recorriam a um instrumento que não era, como a guilhotina, uma nova invenção, mas que era igualmente letal. Este instrumento seria mais tarde chamado racismo e seria incorporado na prática nacionalista. O racismo, como os ulteriores produtos das práticas americanas, era um princípio pragmático; o seu conteúdo não era importante; o que importava é que funcionava.

Seres humanos eram mobilizados em termos do seu mais baixo e superficial denominador comum, e responderam. Pessoas que tinham abandonado as suas vilas e famílias, que se esqueciam das suas línguas e perdiam as suas culturas, que se encontravam completamente despojadas de sociabilidade, foram manipuladas para considerarem a sua pele como substituto de tudo aquilo que tinham perdido. Tornaram-se orgulhosas de algo que não era nem uma façanha pessoal, nem mesmo, como a língua, uma aquisição pessoal. Foram fundidas numa nação de homens brancos. (As mulheres brancas e as crianças existiam apenas como vítimas escalpeladas, como provas da bestialidade da presa caçada.) A extensão desse despojamento é revelada pelas insignificâncias que os homens brancos partilhavam entre si; sangue branco, ideias brancas e pertença a uma raça branca. Devedores, posseiros e servos, enquanto homens brancos, tinham tudo em comum com banqueiros, especuladores, latifundiários e nada

em comum com os vermelhos, os negros ou os amarelos. Fundidos por esse princípio, poderiam também ser mobilizados por ele, transformando-se numa turba branca, linchadora e "caçadora de índios".

O racismo tinha sido, inicialmente, um entre vários métodos de mobilização de exércitos coloniais e, ainda que tenha sido explorado mais aprofundadamente do que nunca na América, não suplantava os outros métodos, complementando-os ao invés. As vítimas dos pioneiros invasores eram ainda descritas como infiéis, como pagãs. Mas os pioneiros, como os anteriores holandeses, eram predominantemente cristãos protestantes e viam o paganismo como algo a ser punido e não remediado. As vítimas continuavam também a ser designadas como selvagens, canibais e primitivas, mas esses termos também deixaram de ser diagnósticos de condições que poderiam ser remediadas e começaram a ser sinónimos de não-branco, uma condição que não poderia ser remediada. O racismo era uma ideologia que assentava perfeitamente na prática da escravatura e do extermínio.

A atitude das turbas linchadoras, o conluio contra vítimas definidas como inferiores, atraía brigões com uma humanidade atrofiada e que não tinham qualquer noção de justiça. Mas essa atitude não atraía toda a gente. Os homens de negócio americanos, meio vigaristas e burlões, tinham sempre algo para oferecer a toda a gente. Para os inúmeros São Jorges com alguma noção de honra e uma grande sede de heroísmo, o inimigo era retratado um pouco diferentemente; para estes, existiam nações tão ricas e poderosas como as suas nas florestas transmontanas e nas margens dos Grandes Lagos.

Quem enalteceu os feitos heróicos dos espanhóis imperiais, encontrou impérios no centro do México e no topo da cordilheira dos Andes. Quem enalteceu os heróis nacionalistas americanos, encontrou nações; eles transformaram a resistência desesperada de aldeões anárquicos em conspirações internacionais orquestradas por arcontes militares como o General Pontiac e o General Tecumseh; eles povoaram as florestas com líderes nacionais formidáveis, oficiais eficientes e exércitos de inúmeros militares patriotas; eles projectaram as suas próprias estruturas repressivas para o desconhecido; viram uma cópia exacta de si mesmo com todas as cores invertidas – algo como o negativo de uma fotografia. O inimigo tornava-se, assim, igual em termos de estrutura, poder e objectivos. A guerra contra um inimigo desse tipo não era apenas justa; era de extrema necessidade, uma questão de vida ou morte. Os outros atributos do inimigo – o paganismo, a selvajaria, o canibalismo – tornavam a missão de expropriar, escravizar e exterminar ainda mais urgente e esses feitos ainda mais heróicos.

O repertório do programa nacionalista estava agora mais ou menos completo. Esta afirmação pode confundir o leitor que não consegue ainda vislumbrar "verdadeiras nações" no terreno. Os Estados Unidos eram ainda um conjunto multilingue, multi-religioso e multicultural de "etnias" e a nação francesa tinha transbordado as suas fronteiras e tinha-se convertido no império napoleónico. O leitor poderá estar a tentar aplicar uma definição de nação enquanto território organizado composto por pessoas que partilham uma língua, religião e costumes comuns, ou, pelo menos, uma das três. Essa definição, clara, pronta e estática, não é uma descrição do fenómeno mas a sua apologia, uma justificação. O fenómeno não era uma definição estática mas um processo dinâmico. A língua, religião e costumes comuns, como o sangue branco dos colonizadores americanos, eram simples pretextos, instrumentos para mobilizar exércitos. A culminação do processo não foi a consagração das semelhanças, mas um despojamento, a perda total da língua, religião e costumes; os habitantes de uma nação

falavam a língua do capital, pregavam no altar do estado e confinavam os seus costumes ao que era permitido pela polícia nacional.

O nacionalismo é o oposto do imperialismo somente no âmbito das definições. Na prática, o nacionalismo foi uma metodologia para dirigir o império do capital.

O contínuo crescimento do capital, várias vezes referido como progresso material, desenvolvimento económico e industrialização, era a principal actividade das classes médias, da chamada burguesia, porque o que eles detinham era capital, era a sua propriedade; as classes altas possuíam terrenos.

A descoberta de novos mundos de abundância enriqueceu imensamente essas classes médias, mas também as tornou vulneráveis. Os reis e nobres, que inicialmente acumularam a riqueza pilhada no Novo Mundo, ressentiram-se da perda de quase todos os despojos para os seus mercadores da classe média. Era inevitável. A riqueza não chegava de forma a poder ser utilizável; os mercadores forneciam o rei com coisas que poderia utilizar em troca dos tesouros pilhados. Ainda assim, os monarcas que se viam cada vez mais pobres à medida que os seus mercadores se tornavam mais ricos, não hesitavam em utilizar os seus servos armados para pilharem os mercadores ricos. Consequentemente, as classes médias sofreram danos contínuos sob o velho regime – danos à sua propriedade. O exército do rei e a polícia não eram protectores de confiança da propriedade da classe média e os poderosos mercadores, que já operavam o negócio do império, tomaram medidas para acabar com essa instabilidade; tomaram também a política nas suas mãos. Podiam contratar exércitos privados e fizeram-no várias vezes. Mas assim que instrumentos para mobilizar exércitos nacionais e forças de polícia nacional apareceram no horizonte, os homens de negócios prejudicados fizeram uso deles. A principal virtude das forças armadas nacionais é garantir que um servo patriota lute ao lado do seu senhor contra um servo de um senhor inimigo.

A estabilidade assegurada por um aparelho repressivo nacional dava aos proprietários algo como uma estufa onde o seu capital podia crescer, aumentar e multiplicar-se. O termo "crescimento" e os seus corolários provêm do próprio vocabulário dos capitalistas. Estas pessoas pensam na unidade do capital como um grão ou semente que investem em solo fértil. Na Primavera vêem uma planta crescer de cada semente. No Verão colhem tantas sementes de cada planta que, depois de pagarem pelo solo, pela luz do sol e pela chuva, ficam ainda com mais sementes do que tinham anteriormente. No ano seguinte alargam o seu terreno e todo o campo é gradualmente melhorado. Na realidade, os "grãos" iniciais são dinheiro; a luz do sol e a chuva são as energias dispendidas dos trabalhadores; as plantas são fábricas, oficinas e minas, a colheita é mercadoria, pedaços de mundo transformados; e o excedente ou grãos adicionais, os lucros, são emolumentos que o capitalista arrecada para si em vez de os dividir pelos trabalhadores.

Todo o processo consiste na transformação de substâncias naturais em artigos ou mercadorias comercializáveis e na reclusão de trabalhadores assalariados em fábricas de processamento.

O casamento do capital com a ciência foi responsável pelo grande salto em frente até chegar ao que vivemos hoje em dia. Cientistas puros descobriram os componentes em que o ambiente natural podia ser decomposto; investidores fizeram as suas apostas nos vários métodos de decomposição; cientistas aplicados ou directores fizeram com que os trabalhadores assalariados a seu cargo levassem o projecto avante. Cientistas sociais procuraram formas para tornar os trabalhadores menos humanos, mais eficientes, mais parecidos com máquinas. Graças à ciência, os capitalistas foram capazes de transformar

grande parte do ambiente natural num mundo processado, num artifício, e de reduzir a maioria dos seres humanos a zeladores desse artifício.

O processo de produção capitalista foi analisado e criticado por muitos filósofos e poetas, mais notavelmente por Karl Marx¹, que, com as suas críticas, animou e continua a animar, os movimentos sociais militantes. Marx tinha um ponto cego significativo; a maioria dos seus discípulos e muitos militantes que não eram seus discípulos, construíram as suas plataformas sobre esse ponto cego. Marx era um apoiante entusiasta da luta burguesa pela libertação dos vínculos feudais – quem não o era naqueles dias? Ele, que observou que as ideias predominantes de uma época eram as ideias da classe governante, partilhou muitas das ideias da nova classe média no poder. Era um entusiasta do iluminismo, do racionalismo, do progresso material. Foi Marx que perspicazmente apontou para o facto de que cada vez que um trabalhador reproduzia a sua força de trabalho, cada minuto que ele dedicava à tarefa que lhe era atribuída, aumentava o aparelho material e social que o desumanizava. Contudo, o próprio Marx era um entusiasta da aplicação da ciência à produção.

Marx fez uma análise aprofundada do processo de produção como exploração do trabalho, mas fez apenas comentários superficiais e relutantes sobre a condição prévia para a produção capitalista e o capital inicial que tornou o processo possível². Sem o capital inicial, não poderiam ter existido investimentos, produção, nenhum grande salto em frente. Essa condição prévia foi analisada pelo antigo marxista soviético de nacionalidade russa Preobrazhensky, que tomou emprestadas várias ideias da marxista polaca Róża Luksemburg para formular a sua teoria sobre a acumulação primitiva³. Por primitiva, Preobrazhensky referia-se à base do edifício capitalista, à sua fundação, à sua condição prévia. Essa condição prévia não pode surgir do próprio processo de produção capitalista se esse processo não estiver já em curso. É necessário, e assim acontece, que provenha de fora do processo de produção. Provém das colónias pilhadas. Provém da expropriação e exterminação das populações das colónias. Nos primeiros tempos, quando não existiam colónias ultramarinas, o primeiro capital, a condição prévia para a produção capitalista, tinha sido espremido das colónias internas, de camponeses saqueados que viram as suas terras delimitadas e as suas colheitas requisitadas, de judeus e muçulmanos expulsos a quem foram expropriadas as suas propriedades.

A acumulação primitiva ou preliminar de capital não é algo que tenha acontecido uma vez num passado distante e nunca depois. É algo que continua a acompanhar o processo de produção capitalista e é parte integral dele. O processo descrito por Marx é responsável pelos lucros regulares e esperados; o processo descrito por Preobrazhensky é responsável pelos impulsos, pelas fortunas e pelos grandes saltos em frente. Os lucros regulares são destruídos periodicamente por crises endémicas ao sistema; novas injeções de capital preliminar são a única cura conhecida para as crises. Sem uma contínua acumulação primitiva do capital, o processo de produção pararia; cada crise tenderia a tornar-se permanente.

O genocídio, a exterminação racionalmente calculada de populações humanas designadas como presas legítimas, não foi uma aberração numa marcha do progresso de outra forma pacífica. O genocídio tem sido uma condição prévia desse progresso. É por isso que as forças armadas nacionais foram indispensáveis aos detentores do capital. Essas forças não só protegiam os proprietários do capital da ira insurrecional dos seus próprios trabalhadores explorados. Elas também capturaram o santo graal, a lanterna mágica, o capital preliminar, ao derrubarem os portões de forasteiros resistentes ou não resistentes, ao pilharem, deportarem e assassinares.

As pegadas dos exércitos nacionais são os traços da marcha do progresso. Esses exércitos patrióticos foram, e ainda são, a sétima maravilha do mundo. Neles, o lobo encontra-se ao lado do cordeiro e a aranha ao lado da mosca. Neles, trabalhadores explorados foram comparsas dos exploradores, camponeses endividados foram comparsas dos seus credores, burlados foram companheiros de vigaristas, numa camaradagem estimulada não pelo amor mas pelo ódio – ódio a potenciais fontes de capital preliminar designadas como infiéis, selvagens, raças inferiores.

Comunidades humanas, tão variegadas nos seus modos e crenças como os pássaros na sua plumagem, foram invadidas, espoliadas e, por fim, exterminadas de formas inimagináveis. As roupas e artefactos das comunidades desaparecidas foram reunidas como troféus e exibidas em museus como traços adicionais da marcha do progresso; as crenças e os modos extintos tornaram-se curiosidades de mais uma das muitas ciências dos invasores. Os campos, florestas e animais expropriados foram acumulados como fontes de riqueza, como capital preliminar, como condição prévia para o processo de produção que iria converter os campos em explorações agrícolas, as árvores em madeira, os animais em chapéus, os minerais em munições, os sobreviventes humanos em mão-de-obra barata. O genocídio foi, e ainda é, a condição prévia, a pedra angular e o trabalho de base dos complexos militares industriais, dos ambientes processados, do mundo dos escritórios e dos parques de estacionamento.

O nacionalismo estava tão perfeitamente adaptado à sua dupla tarefa, a domesticação dos trabalhadores e a espoliação dos estrangeiros, que atraía toda a gente – toda a gente, ou seja, quem detinha ou aspirava a deter uma porção de capital.

Durante o séc. XIX, especialmente durante a segunda metade, todos os proprietários de capital por investir descobriram que tinham raízes entre os seus conterrâneos mobilizáveis que falassem a sua língua materna e adorassem os seus deuses pátrios. O fervor desse tipo de nacionalista era cinicamente transparente, já que ele era o compatriota que deixou de ter raízes entre os parentes do seu pai e da sua mãe: encontrou a salvação nas suas poupanças, rezou aos seus investimentos e falou a língua da contabilidade de custos. Mas aprendeu dos americanos e franceses que, ainda que não pudesse mobilizar os seus conterrâneos como empregados, clientes e consumidores leais, poderia mobilizá-los como italianos, gregos e alemães leais, como católicos, ortodoxos e protestantes leais. Línguas, religiões e costumes tornaram-se materiais de consolidação para a construção de estados-nação.

Os materiais de consolidação eram meios, não fins. O objectivo das entidades nacionais não era desenvolver línguas, religiões ou costumes, mas desenvolver economias nacionais, transformar os conterrâneos em trabalhadores e soldados, transformar o país natal em minas e fábricas, transformar as propriedades dinásticas em empresas capitalistas. Sem o capital, não poderiam haver munições ou suprimentos, exército nacional ou nação.

Poupanças e investimentos, estudos de mercado e contabilidade de custos, as obsessões das antigas classes médias racionalistas, tornaram-se as obsessões reinantes. Estas obsessões racionalistas tornaram-se não apenas soberanas, mas também exclusivas. Indivíduos que tivessem outras obsessões, que fossem irracionais, eram postos em manicómios e asilos.

As nações eram normalmente monoteístas, mas não necessitavam mais de o ser; o antigo deus ou antigos deuses tinham perdido a sua importância, a não ser como

materiais de consolidação. As nações eram mono-obsessivas e se o monoteísmo servia a obsessão reinante, então também era mobilizado.

A Primeira Guerra Mundial marcou o fim de uma fase do processo de nacionalização, a fase que tinha começado com as revoluções americana e francesa, a fase que tinha sido anunciada bem mais cedo com a declaração de Aguirre e a revolta dos nobres holandeses. As reivindicações em conflito das antigas nações e das recentemente constituídas foram, de facto, a causa dessa guerra. A Alemanha, Itália e Japão, assim como a Grécia, Sérvia e a colonial América Latina, tinham-se já apropriado da maior parte dos atributos dos seus antecessores nacionalistas, tinham-se tornado impérios nacionais, monarquias e repúblicas, e os mais poderosos dos recém-chegados ambicionavam apropriar-se do principal atributo em falta, o império colonial. Durante essa guerra, todos os componentes mobilizáveis dos dois impérios dinásticos, o otomano e o de Habsburgo, constituíram-se em nações. Quando burguesias com línguas e religiões diferentes, tais como os turcos e os arménios, reivindicaram o mesmo território, os mais fracos foram tratados como os chamados índios americanos; foram exterminados. A soberania nacional e o genocídio eram – e ainda são – corolários.

A língua e religião comum pareceram ser corolários da nacionalidade, mas apenas devido a uma ilusão de óptica. Como materiais de consolidação, as línguas e religiões eram utilizadas quando serviam o seu propósito e descartadas quando não serviam. Nem a multilingue Suíça, nem a multi-religiosa Jugoslávia, foram banidas da família das nações. A forma dos narizes e a cor do cabelo poderiam também ter sido utilizadas para mobilizar patriotas – e foram mais tarde. Os patrimónios, raízes e semelhanças partilhadas tinham de satisfazer apenas um critério, o critério da razão pragmática de estilo americano: funcionavam? Tudo o que funcionasse era utilizado. As características partilhadas eram importantes, não por causa do seu teor cultural, histórico ou filosófico, mas porque eram úteis para organizar uma polícia que protegesse a propriedade nacional e para mobilizar um exército para pilhar as colónias.

Assim que uma nação era constituída, os seres humanos que viviam no território nacional, mas que não possuíam as características nacionais, poderiam ser transformados em colónias internas, nomeadamente em fontes de capital preliminar. Sem capital preliminar, nenhuma nação se poderia transformar numa grande nação e as nações que aspirassem à grandeza, mas que carecessem de colónias ultramarinas adequadas, poderiam recorrer à pilhagem, extermínio e expropriação dos seus compatriotas que não possuíssem as características nacionais.

A constituição de estados-nação foi recebida com um eufórico entusiasmo pelos poetas assim como pelos camponeses, que pensavam que as suas musas ou os seus deuses tinham, por fim, descido à terra. Os principais desmancha-prazeres entre as bandeiras ondulantes e os confetes voadores eram os antigos governantes, os colonizados e os discípulos de Karl Marx.

Os depostos e os colonizados não se encontravam entusiasmados por razões óbvias.

Os discípulos de Marx não se encontravam entusiasmados porque tinham aprendido com o seu mestre que a libertação nacional significava exploração nacional, que o governo nacional era o comité executivo da classe capitalista nacional, que a nação não tinha mais a oferecer aos trabalhadores do que grilhetas. Estes estrategas dos trabalhadores, que não eram eles próprios trabalhadores, mas tão burgueses como os governantes capitalistas, proclamaram que os trabalhadores não tinham país e

organizaram-se numa Internacional. Esta Internacional dividiu-se em três e cada Internacional aproximou-se cada vez mais do ponto cego de Marx.

A Primeira Internacional foi levada a cabo por alguém que tinha sido tradutor de Marx para o russo e que era, então, seu antagonista, Bakunin, um rebelde inveterado que tinha sido um fervoroso nacionalista até que aprendeu sobre o que era a exploração com Marx. Bakunin e os seus companheiros, rebeldes contra todas as autoridades, também se rebelaram contra a autoridade de Marx; suspeitaram que Marx estava a tentar transformar a Internacional num estado tão repressivo como os estados feudais e nacionais em conjunto. Bakunin e os seus seguidores eram inequívocos na sua rejeição de todos os estados, mas eram ambíguos em relação ao empreendimento capitalista. Glorificavam a ciência, celebravam o progresso material e saudavam a industrialização ainda mais do que Marx. Sendo rebeldes, consideravam qualquer luta uma boa luta, mas a melhor de todas era a luta contra os antigos inimigos da burguesia, a luta contra os latifundiários feudais e a Igreja Católica. Daí que a Internacional bakuninista tenha florescido em lugares como Espanha, onde a burguesia não tinha completado a sua luta pela independência mas, ao invés, tinha-se aliado aos barões feudais e à Igreja para se proteger dos operários e camponeses insurgentes. Os bakuninistas lutaram para completarem a revolução burguesa sem a burguesia e contra esta. Denominavam-se anarquistas e desdenhavam todos os estados, mas não se deram ao trabalho de explicar como iriam obter a indústria preliminar ou subsequente, o progresso e a ciência, nomeadamente, o capital, sem exército e polícia. Nunca lhes deram a possibilidade de resolver a sua contradição na prática e os bakuninistas de agora ainda não a resolveram, nem se deram ainda conta de que existe uma contradição entre anarquia e indústria.

A Segunda Internacional, menos rebelde do que a primeira, rapidamente chegou a um acordo com o capital assim como com o estado. Solidamente enraizada no ponto cego de Marx, os professores desta organização não ficaram enredados em qualquer contradição bakuninista. Para eles, era óbvio que a exploração e a pilhagem eram condições necessárias para o progresso material e reconciliaram-se realisticamente com aquilo que era inevitável. Só reivindicavam uma maior parte dos lucros para os trabalhadores e cargos na administração política para eles próprios, como representantes dos trabalhadores. Como os bons sindicalistas que os precederam e que se seguiram a eles, os professores socialistas estavam envergonhados com "a questão colonial", mas a sua vergonha, como a de Phillip de Habsburgo, apenas lhes dava um peso nas consciências. A seu tempo, os socialistas imperiais alemães, os socialistas reais holandeses e os socialistas republicanos franceses deixaram até de ser internacionalistas.

A Terceira Internacional não só chegou a acordo com o capital e o estado; tornaram-nos o seu objectivo. Esta Internacional não era formada por intelectuais rebeldes e dissidentes; foi criada por um estado, o estado russo, depois do partido bolchevique se ter instalado nos cargos de estado. A principal actividade desta Internacional era dar a conhecer os feitos do renovado estado russo, do seu partido governante e do fundador do partido, um homem que se auto-denominava Lenin. Os feitos desse partido e do seu fundador foram de facto grandiosos, mas aqueles que os davam a conhecer fizeram o seu melhor para esconder aquilo que existia de mais grandioso neles.

A Primeira Guerra Mundial deixou dois vastos impérios num dilema. O império celestial da China, o estado mais antigo do mundo, e o império dos czares, uma operação muito mais recente, oscilaram tremulamente entre a perspectiva de se

tornarem estados-nação e a sua decomposição em pequenas unidades, como os seus homólogos otomano e de Habsburgo tinham feito.

Lenin resolveu este dilema para a Rússia. Mas seria isso possível? Marx tinha comentado que um único indivíduo não poderia mudar as circunstâncias; poderia apenas tirar proveito delas. Marx tinha provavelmente razão. O feito de Lenin não foi ter mudado as circunstâncias, mas ter tirado proveito delas de forma extraordinária. O feito foi monumental no seu oportunismo.

Lenin era um burguês russo que imprecou contra a fraqueza e a incompetência da burguesia russa⁴. Um entusiasta do desenvolvimento capitalista, um fervoroso admirador do progresso de estilo americano, não tornou a sua causa comum à daqueles contra quem imprecava mas sim à dos seus inimigos, os discípulos anti-capitalistas de Marx. Ele tirou proveito do ponto cego de Marx para transformar a crítica de Marx do processo de produção capitalista num manual para desenvolver o capital, um guia de "como fazer". Os estudos de Marx sobre a exploração e a pauperização tornaram-se alimento para os esfomeados, uma cornucópia, um sinal virtual de abundância. Os homens de negócio americanos tinham já publicitado a urina como água de nascente, mas nenhum vigarista americano tinha alguma vez conseguido uma inversão de tal magnitude.

As circunstâncias não foram alteradas. Cada passo da inversão foi levado a cabo com as circunstâncias disponíveis, com métodos experimentados e testados. Os compatriotas russos não podiam ser mobilizados devido à sua nacionalidade, ortodoxia ou cor de pele, mas podiam ser, e foram, mobilizados segundo a sua exploração, opressão e quantidade de tempo que sofriam sob o despotismo dos czares. A opressão e a exploração tornaram-se materiais de consolidação. O longo sofrimento sob os czares foi utilizado da mesma forma e com o mesmo objectivo que o escalpe de mulheres e crianças brancas tinha sido utilizado pelos americanos; foi utilizado para organizar as pessoas em unidades de combate, em embriões do exército e da polícia nacional.

A apresentação do ditador e do comité central do Partido, como uma ditadura do proletariado libertado, parecia ser algo novo, mas mesmo isso era novo somente nas palavras utilizadas. Era algo tão antigo como os Faraós e os Lugales do antigo Egipto e Mesopotâmia, que tinham sido escolhidos pelo deus para liderarem o povo, que tinham encarnado o povo nos seus próprios diálogos com o deus. Este era um artifício experimentado e testado pelos governantes. Mesmo que os antigos precedentes tivessem sido temporariamente esquecidos, um precedente mais recente tinha sido fornecido pelo Comité Francês de Saúde Pública, que se tinha apresentado como a encarnação da vontade geral da nação.

O objectivo, o comunismo, o derrube e a supressão do capitalismo, também parecia ser algo novo, parecia ser uma mudança de circunstâncias. Mas só a palavra era nova. O objectivo da ditadura do proletariado era ainda o progresso de estilo americano, o desenvolvimento capitalista, a electrificação, o transporte rápido de massas, a ciência, a transformação do ambiente natural. O objectivo era o capitalismo que a fraca e incompetente burguesia russa não tinha conseguido desenvolver. Com *O Capital* de Marx como sua luz e guia, o ditador e o seu Partido desenvolveriam o capitalismo na Rússia; serviriam como substitutos da burguesia e usariam o poder do estado não apenas para policiar o processo, mas também para o lançar e gerir.

Lenin não viveu o tempo suficiente para poder demonstrar o seu virtuosismo como director geral do capital russo, mas o seu sucessor, Stalin, demonstrou amplamente os poderes da máquina que tinha sido criada. O primeiro passo foi a acumulação primitiva

de capital. Se Marx não tinha sido muito claro em relação a isso, Preobrazhensky tinha-o sido. Preobrazhensky foi preso, mas a sua descrição dos métodos experimentados e testados para a obtenção de capital preliminar foi aplicada em toda a Rússia. O capital preliminar dos ingleses, americanos, belgas e de outros capitalistas era proveniente das pilhagens nas colónias ultramarinas. A Rússia não tinha colónias ultramarinas. Esta carência não era obstáculo. Toda a zona rural russa foi transformada numa colónia.

As primeiras fontes de capital preliminar foram os kulaks, camponeses que tinham algo que valia a pena ser pilhado. Esta acção teve tanto sucesso que também foi aplicada aos restantes camponeses, com a expectativa racional de que pequenas quantidades pilhadas a muita gente poderiam render uma soma substancial.

Os camponeses não foram os únicos colonizados. A antiga classe governante tinha já sido completamente expropriada de todas as suas riquezas e propriedades, mas ainda foram encontradas outras fontes de capital preliminar. Com a totalidade do poder de estado concentrado nas suas mãos, os ditadores cedo descobriram que poderiam fabricar fontes de acumulação primitiva. Empresários de sucesso, operários e camponeses insatisfeitos, militantes de organizações rivais, mesmo membros do Partido desiludidos, poderiam ser designados como contra-revolucionários, reunidos, expropriados e enviados para campos de trabalho. Todas as deportações, execuções em massa e expropriações dos primeiros colonos foram reconstituídas na Rússia.

Os primeiros colonos, sendo pioneiros, tinham recorrido à tentativa e ao erro. Os ditadores russos não tiveram que recorrer a isso. Nessa altura, todos os métodos para a obtenção de capital preliminar tinham sido experimentados e testados e podiam ser aplicados cientificamente. O capital russo desenvolveu-se num ambiente completamente controlado, numa estufa; cada estratégia, cada variável, era controlada pela polícia nacional. As funções que tinham sido deixadas à sorte ou a outros organismos em ambientes menos controlados, acabaram por ser controladas pela polícia na estufa russa. O facto dos colonizados não se encontrarem fora mas dentro do território e, por isso, não estarem sujeitos a conquista mas a captura, aumentou ainda mais o papel e a dimensão da polícia. A seu tempo, a onnipotente e omnipresente polícia tornou-se a emanção e encarnação visível do proletariado e o comunismo tornou-se um sinónimo de organização policial totalitária e de controlo.

As expectativas de Lenin não foram, contudo, completamente concretizadas pela estufa russa. A polícia-como-capitalista fez maravilhas para obter capital preliminar de contra-revolucionários expropriados, mas não se saíram tão bem na gestão do processo de produção capitalista. Pode ser ainda demasiado cedo para o afirmarmos, mas até à data esta polícia burocrata tem sido tão ou mais incompetente neste papel quanto a burguesia contra a qual Lenin imprecou; a sua capacidade de descobrir ainda mais fontes de capital preliminar parece ser tudo aquilo que a manteve à tona de água.

A atracção por este tipo de aparelho também não esteve à altura das expectativas de Lenin. O aparelho policial leninista não atraiu homens de negócio ou políticos oficiais; não se mostrou recomendável como método superior para a gestão do processo de produção. Atraiu uma classe social algo diferente, uma classe que tentarei descrever resumidamente, e mostrou-se recomendável a esta classe, primeiramente, como método para tomar o poder nacional, secundariamente, como método de acumulação primitiva de capital.

Os herdeiros de Lenin e Stalin não foram propriamente guardas pretorianos, detentores de poder económico e político em nome e em proveito de um monarca

supérfluo; eles foram duplos pretorianos, estudantes do poder económico e político que desesperaram por poder alcançar níveis de poder mesmo que intermédios. O modelo leninista ofereceu a essa gente a expectativa de saltarem sobre os níveis intermédios directamente para o palácio central.

Os herdeiros de Lenin eram funcionários e pequenos oficiais, pessoas como Mussolini, Mao Tsé-Tung e Hitler, pessoas que, como o próprio Lenin, imprecaram contra as suas burguesias fracas e incompetentes por não terem sido capazes de consagrar a grandeza das suas nações.

(Não incluo os sionistas entre os herdeiros de Lenin porque pertencem a uma geração anterior. Foram contemporâneos de Lenin que descobriram, talvez independentemente, o poder da perseguição e do sofrimento como materiais de consolidação para a mobilização de um exército e polícia nacional. Os sionistas deram outras contribuições próprias. Tratar uma população religiosa dispersa como nação, impor um estado-nação capitalista como principal objectivo e reduzir a sua herança religiosa a uma herança racial, contribuíram com elementos significativos para uma metodologia nacionalista que viria a ter consequências fatídicas quando aplicada a uma população judaica, nem toda ela sionista, por uma população consolidada como "raça alemã".)

Mussolini, Mao Tsé-Tung e Hitler romperam a cortina de slogans e viram os feitos de Lenin e Stalin tal como eram: métodos eficazes para obter e manter o poder de estado. Os três reduziram a metodologia à sua essência. O primeiro passo seria reunir estudantes do poder com uma opinião idêntica e formar o núcleo da organização policial, uma vestimenta chamada, no seguimento de Lenin, o Partido. O passo seguinte seria recrutar uma base popular, tropas disponíveis e fornecedores de tropas. O terceiro passo seria tomar posse do aparelho de estado, instalar um teórico na função de Duce, Presidente ou Führer, distribuir as funções policiais e de gestão pela elite ou pelos funcionários e pôr a base popular a trabalhar. O quarto passo seria assegurar o capital preliminar necessário para restaurar ou lançar um complexo militar-industrial capaz de sustentar o líder nacional e os seus funcionários, a polícia e o exército e os directores industriais; sem esse capital, não poderiam existir armas, poder ou nação.

Os herdeiros de Lenin e Stalin aprimoraram a metodologia nas suas acções de recrutamento ao minimizarem a exploração capitalista e concentrando-se na opressão nacional. Falar de exploração já não servia qualquer propósito e tinha-se, de facto, tornado constrangedor, já que era óbvio para todos, especialmente para os trabalhadores assalariados, que os triunfantes revolucionários não tinham posto fim ao trabalho assalariado mas aumentado o seu domínio.

Sendo tão pragmáticos como homens de negócio americanos, os novos revolucionários não falaram de libertação do trabalho assalariado, mas de libertação nacional⁵. Este tipo de libertação não era um sonho de utópicos românticos; era precisamente tudo quanto era possível no mundo existente; só se teria de tirar proveito das circunstâncias já existentes para se realizar. A libertação nacional consistia na libertação do presidente e da polícia nacional das cadeias da impotência; a tomada de posse do presidente e o estabelecimento da polícia não foram quimeras, mas componentes de uma estratégia experimentada e testada, de uma ciência.

Os partidos fascista e nacional-socialista foram os primeiros a provar que a estratégia funcionava, que o feito do partido bolchevique poderia ser de facto repetido. O presidente nacional e o seu pessoal instalaram-se no poder e começaram a adquirir o capital preliminar necessário para a grandeza nacional. Os fascistas introduziram-se numa das últimas regiões invioladas de África e deram cabo dela como os primeiros

industrializadores tinham dado cabo dos seus impérios coloniais. Os nacional-socialistas fizeram dos judeus o seu alvo, uma população que fazia parte de uma "Alemanha unificada" tal qual os outros alemães, como fonte primária de acumulação primitiva porque muitos dos judeus, como muitos dos kulaks de Stalin, tinham bens que valiam a pena pilhar.

Os sionistas já tinham precedido os nacional-socialistas ao reduzirem a religião a uma raça e os nacional-socialistas poderiam olhar para o passado dos pioneiros americanos para procurar formas de instrumentalizar o racismo. A elite de Hitler só precisava de traduzir o *corpus* da pesquisa racista americana para equipar os seus institutos científicos com largas livrarias. Os nacional-socialistas lidaram com os judeus da mesma forma que os americanos tinham anteriormente lidado com a população indígena da América do Norte, com a excepção de que os nacional-socialistas utilizaram uma tecnologia mais recente e muito mais poderosa para a tarefa de deportar, expropriar e exterminar seres humanos. Mas nisto, os mais recentes exterminadores não eram inovadores; eles aproveitaram-se simplesmente das circunstâncias ao seu alcance.

Aos fascistas e nacional-socialistas juntaram-se os japoneses, construtores de impérios, que temiam que a decomposição do império celestial se tornasse uma fonte de capital preliminar para a Rússia ou para os industrializadores revolucionários chineses. Formando um Eixo, os três começaram a transformar os continentes em fontes de acumulação primitiva de capital. Não foram incomodados por outras nações até que começaram a invadir colónias e territórios de poderes capitalistas estabelecidos. A redução de capitalistas já estabelecidos a presas colonizadas poderia ser praticada internamente, onde era sempre legal, já que eram os governantes das nações que estabeleciam as suas leis – e já tinha sido praticada internamente pelos leninistas e estalinistas. Mas essa prática significaria uma mudança nas circunstâncias e não pôde ser levada a cabo no estrangeiro sem provocar uma guerra mundial. Os poderes do Eixo foram longe demais e perderam.

Depois da guerra, muita gente sensata falava dos objectivos do Eixo como irracionais e de Hitler como um lunático. Contudo, essa mesma gente sensata consideraria homens como George Washington e Thomas Jefferson sensatos e racionais, ainda que esses homens tenham imaginado e iniciado a conquista de um vasto continente e a deportação e extermínio da sua população, numa altura em que um projecto dessa envergadura era muito menos viável do que o projecto do Eixo⁶. É verdade que as tecnologias, assim como as ciências físicas, químicas, biológicas e sociais, utilizadas por Washington e Jefferson eram bem diferentes das utilizadas pelos nacional-socialistas. Mas se saber é poder, se era racional para os antigos pioneiros mutilar e matar com pólvora no tempo das carruagens puxadas a cavalo, por que seria irracional para os nacional-socialistas mutilar e matar com explosivos de alta potência, gás e agentes químicos no tempo dos mísseis, submarinos e das auto-estradas?

Os nazis estavam, contudo, ainda mais orientados para a ciência do que os americanos. No seu tempo, eram sinónimo de eficiência científica para grande parte do mundo. Tinham ficheiros sobre tudo, classificavam e reclassificavam as suas descobertas e publicavam-nas em revistas científicas. Entre eles, mesmo o racismo não era propriedade de agitadores de fronteira, mas de institutos bem dotados.

Muita gente sensata parece comparar a loucura com o fracasso. Não seria a primeira vez. Muitos chamaram Napoleão de lunático quando estava na prisão ou no exílio, mas quando reemergiu como imperador, essas mesmas pessoas falaram dele com respeito,

mesmo com reverência. A prisão e o exílio não foram apenas vistas como cura para a loucura, mas também como sintomas. O fracasso, um disparate.

Mao Tsé-Tung, o terceiro pioneiro nacional-socialista (ou nacional-comunista; a segunda palavra deixa de ter importância, já que não é mais do que uma relíquia histórica; a expressão "fascista de esquerda" também serviria, mas tem ainda menos significado do que as expressões nacionalistas), conseguiu fazer o mesmo com o império celestial que Lenin tinha feito com o império dos czares. O aparelho burocrático mais velho do mundo não foi dividido em pequenas unidades nem em colónias de outros industrializadores; reemergiu, bastante mudado, como uma República Popular, como um farol para as "nações oprimidas".

O Presidente e os seus funcionários seguiram os passos de uma longa linhagem de antecessores e transformaram o império celestial numa vasta fonte de capital preliminar, através de purgas, perseguições e, conseqüentemente, grandes saltos em frente.

A próxima fase, o lançamento do processo de produção capitalista, foi levado a cabo segundo o modelo russo, ou seja, pela polícia nacional. Isso não funcionou melhor na China do que na Rússia. Supostamente, a função empresarial deve ser confiada a vigaristas e trapaceiros que sejam capazes de atrair outras pessoas e a polícia não costuma inspirar a confiança necessária. Mas isso foi menos importante para os maoístas do que tinha sido para os leninistas. O processo de produção capitalista manteve-se importante, pelo menos tão importante quanto as campanhas regulares pela acumulação primitiva, já que sem capital não existe poder, não existe nação. Mas os maoístas reivindicaram cada vez menos o seu modelo como método superior de industrialização e nisso foram mais modestos que os russos, tendo ficado menos decepcionados com os resultados da sua polícia industrial.

O modelo maoísta oferece-se aos agentes e estudantes de segurança por todo o mundo como uma metodologia de poder experimentada e testada, como uma estratégia científica de libertação nacional. Normalmente conhecido como o pensamento de Mao Tsé-Tung⁷, esta ciência oferece aos aspirantes a presidente e a funcionários a expectativa de um poder sem precedentes sobre seres vivos, actividades humanas e mesmo sobre as ideias. O papa e os padres da Igreja Católica, com todas as suas inquisições e confissões, nunca detiveram tanto poder, não porque o tivessem rejeitado, mas porque não tinham os instrumentos disponibilizados pelas tecnologias e ciências modernas.

A libertação da nação é a última fase da eliminação dos parasitas. O capitalismo tinha já antes limpadado a natureza de parasitas e reduzido a maior parte do resto da natureza a matérias-primas para as indústrias de transformação. O nacional-socialismo ou social-nacionalismo moderno mantém também a perspectiva de eliminar os parasitas da sociedade humana. Os parasitas humanos são também fontes de capital preliminar, mas o capital não é sempre "material"; pode também ser cultural ou "espiritual". Os modos, os mitos, a poesia e a música dos povos são liquidados como algo inevitável; alguma da música e dos costumes da antiga "cultura popular" reapareceram subseqüentemente, transformados e embalados, como elementos do espectáculo nacional, como decorações para as campanhas de acumulação nacionais; os modos e os mitos tornam-se matérias-primas para transformação por uma ou várias das "ciências humanas". Mesmo o inútil ressentimento dos trabalhadores para com o seu trabalho assalariado alienado é liquidado. Quando a nação é libertada, o trabalho assalariado deixa de ser um fardo oneroso e torna-se uma obrigação nacional que deve ser levada a cabo com alegria. Os

reclusos de uma nação totalmente libertada lêem o *1984* de Orwell como um estudo antropológico, uma descrição de uma época anterior.

Já não é possível satirizar este estado de coisas. Cada sátira arrisca tornar-se uma bíblia para mais uma frente de libertação nacional⁸. Cada sátiro corre o risco de se tornar no fundador de uma nova religião, um Buda, um Zarathustra, um Jesus, um Maomé ou um Marx. Cada exposição dos estragos do sistema dominante, cada crítica do funcionamento do sistema, torna-se forragem para os cavalos dos libertadores, materiais de consolidação para construtores de exércitos. O pensamento de Mao Tsé-Tung nas suas numerosas versões e revisões é uma ciência assim como uma teologia total; é física social assim como metafísica cósmica. O Comité de Saúde Nacional francês apenas afirmou ter encarnado a vontade geral da nação francesa. As revisões do pensamento de Mao Tsé-Tung afirmam ter encarnado a vontade geral dos oprimidos do mundo.

As constantes revisões deste pensamento são necessárias porque as suas formulações iniciais não eram aplicáveis a todas ou, de facto, a qualquer uma das populações colonizadas do mundo. Nenhum dos colonizados do mundo partilhava a herança chinesa de ter suportado um aparelho de estado durante os últimos dois mil anos. Poucos dos oprimidos do mundo tinham alguma vez possuído quaisquer dos atributos de uma nação no passado recente ou distante. O pensamento teve de ser adaptado a povos cujos antepassados viveram sem presidente, exércitos ou polícia, sem processos de produção capitalista e que, por isso, não tinham necessidade de capital preliminar.

Essas revisões eram feitas enriquecendo o pensamento inicial com empréstimos de Mussolini, Hitler e do estado sionista de Israel. A teoria de Mussolini sobre a realização da nação no estado foi um princípio central. Todos os grupos de povos, fossem pequenos ou grandes, industriais ou não-industriais, concentrados ou dispersos, eram vistos como nações, não devido ao seu passado, mas devido à sua aura, à sua potencialidade, uma potencialidade embutida nas suas frentes de libertação nacional. Outro princípio central foi o tratamento de Hitler (e dos sionistas) da nação como uma entidade racial. Os funcionários eram recrutados entre pessoas sem afinidade e sem os costumes dos seus antepassados e, por conseguinte, os libertadores não eram distinguíveis dos opressores em termos de linguagem, crenças, costumes ou armas; o único material de consolidação que os unia entre si e à base popular era o material de consolidação que tinha unido os servos brancos aos patrões brancos na fronteira americana; o "vínculo racial" fornecia identidades a quem não tinha identidade, afinidades a quem não tinha afinidade, comunidade a quem tinha perdido a sua comunidade; era o último vínculo dos culturalmente despojados.

O pensamento revisto poderia agora ser aplicado aos africanos como também aos navajos, aos apaches e também aos palestinianos⁹. Os empréstimos de Mussolini, Hitler e dos sionistas foram criteriosamente encobertos, porque Mussolini e Hitler não conseguiram continuar no poder e porque os sionistas vitoriosos tornaram o seu estado no polícia mundial contra todas as outras frentes de libertação nacional. Deve ser dado ainda mais crédito a Lenin, Stalin e Mao Tsé-Tung do que merecem.

Os modelos revistos e universalmente aplicáveis funcionam tal qual os originais, mas mais subtilmente; a libertação nacional tornou-se uma ciência aplicada; o aparelho tem sido testado frequentemente; as numerosas falhas nos originais foram entretanto corrigidas. Tudo o que é necessário para fazer andar o aparelho é um piloto, uma correia de transmissão e combustível.

O piloto é, claramente, o próprio teórico ou o seu discípulo mais próximo. A correia de transmissão são os oficiais, a organização, também conhecida como o Partido ou o partido comunista. Este partido comunista com c pequeno é exactamente aquilo que é compreendido popularmente. É o núcleo da organização da polícia que purga e que será ele próprio purgado assim que o líder se torne líder nacional e necessite de rever novamente o pensamento invariável, à medida que se vai adaptando à família das nações ou, pelo menos, à família dos banqueiros, fornecedores de munições e investidores. E o combustível: a nação oprimida, as massas em sofrimento, o povo libertado é e continuará a ser o combustível.

O líder e os oficiais não provêm do exterior; não são agitadores estrangeiros: São produtos integrais do processo de produção capitalista. Este processo de produção tem sido acompanhado invariavelmente pelo racismo. O racismo não é uma componente necessária da produção, mas tem sido (de alguma forma) uma componente necessária do processo de acumulação primitiva de capital e tem quase sempre feito parte do processo de produção.

As nações industrializadas têm adquirido o seu capital preliminar expropriando, deportando, perseguindo e segregando, se não mesmo exterminando, povos designados como presas legítimas. Parentescos foram quebrados, ambientes foram destruídos, orientações e modos culturais foram extirpados.

Os descendentes dos sobreviventes de tais massacres têm sorte se conseguirem preservar as mais simples relíquias, as mais ténues sombras das culturas dos seus antepassados. Muitos dos descendentes não conservam nem sombras; estão completamente despojados; vão trabalhar; fazem aumentar cada vez mais o aparelho que destruiu a cultura dos seus antepassados. E no mundo do trabalho são relegados para as margens, para os trabalhos mais desagradáveis e mais mal pagos. Isso leva-os à loucura. Um embalador de supermercado, por exemplo, poderá saber mais sobre estoques e requisições do que o seu gerente e saber que o racismo é a única razão que o leva a não ser gerente e o gerente a não ser embalador. Um segurança poderá saber que a única razão por que não é chefe de polícia é o racismo. É entre pessoas que perderam todas as suas raízes, que ambicionam ser gerentes de supermercado e chefes de polícia, que a frente de libertação nacional se arreiga; é aí que o líder e os oficiais são formados.

O nacionalismo continua a atrair os despojados porque outras perspectivas parecem ser mais sombrias. A cultura dos antepassados foi destruída; por isso, de acordo com padrões pragmáticos, falhou; os únicos antepassados que sobreviveram foram os que se acomodaram ao sistema do invasor e sobreviveram nos arredores de lixeiras. As várias utopias de poetas e sonhadores e as numerosas "mitologias do proletariado" também falharam; não foram experimentadas na prática; não foram mais do que fogo de vista, quimeras, promessas; o actual proletariado tem sido tão racista como os patrões e a polícia.

O embalador e o segurança perderam o contacto com a cultura ancestral; as quimeras e utopias não lhes interessam, são de facto repudiadas com o mesmo desdém que o homem de negócios sente pelos poetas, vagabundos e sonhadores. O nacionalismo oferece-lhes algo de concreto, algo que tem sido experimentado e testado e que funciona. Não existe razão concebível para que os descendentes dos perseguidos continuem a sê-lo quando o nacionalismo lhes oferece a perspectiva de ser tornarem perseguidores. Familiares próximos e distantes das vítimas podem tornar-se um estado-nação racista; podem arrebanhar pessoas em campos de concentração, mandar noutras pessoas à vontade, perpetrar uma guerra genocida contra elas, adquirir capital preliminar

expropriando-as. E se os "familiares raciais" das vítimas de Hitler podem fazê-lo, também o poderão as vítimas directas ou indirectas de Washington, Jackson, Reagan ou Begin.

Qualquer população oprimida pode tornar-se uma nação, um negativo fotográfico da nação opressora, um lugar onde o antigo embalador é o gerente de supermercado, onde o antigo segurança é chefe de polícia. Ao aplicar a estratégia rectificada, cada segurança poderá seguir o precedente dos antigos guardas pretorianos de Roma. A polícia de segurança de uma companhia mineira estrangeira pode auto-proclamar-se uma república, libertar as pessoas e continuar a libertá-las até que estas não tenham mais nada a fazer senão rezar que a libertação acabe. Mesmo antes da tomada de poder, um bando pode chamar-se a si próprio uma frente e oferecer a pessoas pobres fortemente tributadas e constantemente policiadas algo de que ainda sentem falta; uma organização de recolha de impostos e um esquadrão de morte, nomeadamente, colectores de impostos e uma polícia do próprio povo. Dessa forma, as pessoas podem ser libertadas das características dos seus antepassados vitimados; todas as relíquias que ainda sobrevivem desde os tempos pré-industriais e as culturas não-capitalistas podem finalmente ser permanentemente extirpadas.

A ideia de que uma compreensão do genocídio, que uma memória dos holocaustos, não pode levar senão as pessoas a quererem desmantelar o sistema, é errada. A contínua atracção do nacionalismo sugere que o oposto é mais verdadeiro, ou seja, que uma compreensão do genocídio levou as pessoas a mobilizarem exércitos genocidas, que as memórias de holocaustos levaram as pessoas a perpetrarem holocaustos. Os poetas sensíveis que recordaram a perda, os investigadores que a documentaram, têm sido como os cientistas puros que descobriram a estrutura do átomo. Cientistas aplicados usaram a descoberta para dividirem o núcleo do átomo, para produzirem armas que possam dividir cada núcleo do átomo; os nacionalistas usaram a poesia para dividirem e fundirem as populações humanas, para mobilizarem exércitos genocidas, para perpetrarem novos holocaustos.

Cientistas puros, poetas e investigadores, consideram-se inocentes em relação a campos devastados e corpos carbonizados.

Serão inocentes?

Parece-me que, pelo menos, uma das considerações de Marx é verdadeira: cada minuto dedicado ao processo de produção capitalista, cada ideia que contribua para o sistema industrial, aumenta cada vez mais um poder que é inimigo da natureza, da cultura, da vida. A ciência aplicada não é algo estranho; é parte integral do processo de produção capitalista. O nacionalismo não provém do exterior. É um produto do processo de produção capitalista, como os agente químicos que envenenam os lagos, o ar, os animais e as pessoas, como as centrais nucleares que radioactivam os micro-ambientes em preparação para a radioactivação do macro-ambiente.

Como posfácio gostaria de responder a uma questão antes que seja colocada. A pergunta é: "Não achas que um descendente de pessoas oprimidas estará numa melhor situação como gerente de supermercado ou chefe de polícia?" A minha resposta é uma outra questão: Que director de um campo de concentração, carrasco ou torturador não é descendente de pessoas oprimidas?

Notas:

¹O subtítulo do primeiro volume do *Capital* é *A Critique of Political Economy: The Process of Capitalist Production* (editado por Charles H. Kerr & Co., 1906; reeditado por Random House, Nova Iorque).

²Ibidem., páginas 784-850: VIII parte: "The So-Called Primitive Accumulation."

³E. Preobrazhensky, *The New Economics* (Moscou, 1926; a tradução inglesa foi publicada pela Clarendon Press, Oxford, 1965), um livro que anunciou a fatídica "lei de acumulação primitiva socialista".

⁴Ver, V.I. Lenin, *The Development of Capitalism in Russia* (Moscou: Progress Publishers, 1964; primeiramente publicado em 1899). Cito da página 599: "Se... comparamos a presente rapidez do desenvolvimento com aquilo que poderia ser alcançado com o nível geral da técnica e da cultura tal qual existe hoje em dia, o presente ritmo de desenvolvimento do capitalismo na Rússia deve ser verdadeiramente considerado como lento. E não pode deixar de o ser, já que em nenhum país capitalista existiu alguma vez uma tão abundante sobrevivência de antigas instituições que são incompatíveis com o capitalismo, que atrasam o seu desenvolvimento e que pioram incomensuravelmente a condição dos produtores..."

⁵Ou a libertação do estado: "O nosso mito é a nação, o nosso mito é a grandeza da nação"; "É o estado que cria a nação, conferindo vontade e, nesse sentido, uma verdadeira vida às pessoas que tomam consciência da sua unidade moral"; "O máximo de liberdade coincide sempre com a força máxima do estado"; "Tudo pelo estado; nada contra o estado; nada fora do estado." De *Che cosa è il fascismo e La dottrina del fascismo*, citado por G.H. Sabine, *A History of Political Theory* (Nova Iorque, 1955), págs. 872-878.

⁶"...a extensão gradual das nossas colónias irá de certeza fazer com que o selvagem, assim como o lobo, se retirem; são ambos animais de rapina, ainda que difiram na forma" (G. Washington em 1783). "...se alguma vez formos constrangidos a levantar o machado contra qualquer tribo, nunca o iremos baixar até que seja exterminada ou expulsa..." (T. Jefferson em 1807). "...os massacres cruéis que cometeram sobre as mulheres e as crianças quando as nossas fronteiras foram atacadas de surpresa, obriga-nos a persegui-los até os exterminarmos ou a expulsá-los para lugares fora do nosso alcance" (T. Jefferson em 1813). Citado por Richard Drinnon em *Facing West: The Metaphysics of Indian-Hating and Empire Building* (Nova Iorque: New American Library, 1980), págs. 65, 96 e 98.

⁷Facilmente acessível em brochura como *Citações do Presidente Mao* (Pequim: Departamento Político do Exército de Libertação do Povo, 1966).

⁸A Black & Red tentou satirizar esta situação há mais de dez anos atrás com a publicação de um falso *Manual para Líderes Revolucionários*, um guia de "como fazer" em que o autor, Michael Velli, se propôs fazer pelo príncipe revolucionário moderno aquilo que Maquiavel tinha proposto fazer pelo príncipe feudal. Esse falso "Manual" fundiu o pensamento de Mao Tsé-Tung com o pensamento de Lenin, Stalin, Mussolini, Hitler e dos seus seguidores modernos, e ofereceu receitas acinzentadas para a preparação de organizações revolucionárias e para a obtenção total do poder. Desconcertantemente, pelo menos metade dos pedidos deste "Manual" vieram de aspirantes a libertadores nacionais e é possível que algumas das actuais versões da metafísica nacionalista contenham fórmulas propostas por Michael Velli.

⁹Não estou a exagerar. Tenho diante de mim um grosso panfleto intitulado *The Mythology of the White Proletariat: A Short Course for Understanding Babylon* por J. Sakai (Chicago: Morningstar Press, 1983). Como aplicação do pensamento de Mao Tsé-Tung à história americana, é o trabalho maoísta mais sensível que já vi. O autor documenta e descreve, algumas vezes vividamente, a opressão dos escravos africanos na América, as deportações e exterminações dos indígenas do continente americano, a exploração racista dos chineses, o aprisionamento de nipo-americanos em campos de concentração. O autor mobiliza todas essas experiências de terror absoluto, não para olhar para formas de suplantar o poder que as perpetrou, mas para apelar às vítimas que reproduzam o mesmo sistema entre elas próprias. Polvilhada de fotografias e citações dos presidentes Lenin, Stalin, Mao Tsé-Tung e Ho Chi Minh, este trabalho não tenta esconder ou disfarçar os seus objectivos repressivos; apela a que os africanos, tal como o navajos, apaches e também palestinianos, organizem um partido, tomem o poder e liquidem os parasitas.